

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS  
CAMPUS SÃO BERNARDO

**FRANCISCA DAS CHAGAS SILVA SOUSA**

**A CIDADE COMO ELEMENTO MÍTICO EM MIA COUTO:** uma análise do romance Um  
rio chamado tempo, uma casa chamada terra.

São Bernardo – MA

2017

**FRANCISCA DAS CHAGAS SILVA SOUSA**

**A CIDADE COMO ELEMENTO MÍTICO EM MIA COUTO:** uma análise do romance Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos com habilitação em Português da Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciada em Linguagens e Códigos – Português.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Claudia Letícia Gonçalves Moraes

São Bernardo – MA

2017

Sousa, Francisca das Chagas Silva

A cidade como elemento mítico em Mia Couto: uma análise do romance  
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. / Francisca das Chagas  
Silva Sousa – São Bernardo, 2017.

f.

Orientadora: Claudia Letícia Gonçalves Moraes

Monografia (Graduação em Linguagens e Códigos) – Universidade  
Federal do Maranhão, 2017.

1.Literatura. 2.Romance. 3.Mia Couto. I. Título

CDU

**FRANCISCA DAS CHAGAS SILVA SOUSA**

**A CIDADE COMO ELEMENTO MÍTICO EM MIA COUTO:** uma análise do romance Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.

Aprovado em:     /     /

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup> Msc. Claudia Letícia Gonçalves Moraes**  
Mestre em Interdisciplinar em Cultura e Sociedade  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

**Prof<sup>a</sup> Dr. Edmilson Moreira Rodrigues**  
Dr. em Estudos Literários  
Universidade de –

---

**Prof<sup>a</sup> Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior**  
Dr. em Sociologia  
Universidade de São Paulo - USP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me abençoar, guiar meus caminhos por onde percorri, bem como pelos que ainda hei de percorrer. Aos meus professores que me ajudaram a trilhar novos caminhos na minha jornada acadêmica, em especial aos professores Claudia Letícia Gonçalves Moraes e Edimilson Rodrigues pela paciência e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Aos meus pais, irmão, familiares e amigos que me incentivaram a prosseguir na vida acadêmica. Aos meus companheiros de curso pelos conhecimentos constituídos através do nosso dia-a-dia.

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a fazer uma análise do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), de Mia Couto. Intenta-se, a partir da presente investigação, observar como o autor representa a cidade em seu romance. Atualmente os estudos sobre a cidade vêm despertando cada vez mais o interesse não somente no mundo acadêmico, mas também de outros segmentos da sociedade (GOMES, s/d, p.19). Na literatura, a cidade também é um fenômeno humano, palco de conflitos e experiências históricas, que fazem relação com o tempo e a memória de determinada sociedade. A leitura da cidade dentro da literatura vai além do espaço físico, compreendendo diversos aspectos, tais como a cultura, os costumes, os personagens e aspectos míticos, como no caso da Ilha no romance analisado. A reflexão empreendida a partir deste estudo exige pensar também sobre a questão de identidade, tema sempre presente nos escritos de Mia Couto. Como centro desse resgate cultural, o autor metaforiza em sua obra a Ilha de Luar-do-Chão como o espelho de Moçambique, sendo esse espaço rodeado por elementos míticos que serão de suma importância para o redescobrimto de antigas tradições reveladas ao neto Marianinho, figura representante da hibridização entre as culturas portuguesa e africana, desmistificando a compreensão por parte de alguns críticos sobre a oralidade como uma questão obrigatória na literatura africana, onde Brugioni (2016) afirma que a oralidade é uma opção estética dentro de seus escritos. Para tanto, fez-se necessário, como metodologia para o estudo, realizar uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico sobre a cultura africana, em especial de Moçambique. Para fundamentar a pesquisa foram utilizados autores como Gomes (1997); Brugioni (2016); Ana Mafalda Leite (2014); Tutikian (2006); Moraes (2012); Petrov (2014); Fonseca e Cury (2008), entre outros. Dessa forma, como resultado da pesquisa empreendida através do método bibliográfico, observou-se o papel da literatura do autor como representante dos elementos míticos (casa, terra, homem e rio) contidos na cidade de Luar-do-Chão, um retrato da Moçambique após os conflitos civis do pós-independência.

**Palavras-chave:** Cidade e Literatura. Mia Couto. Identidade. Romance Moçambicano.

## ABSTRACT

This work proposes to make a study about how Mia Couto represents the city in her novel: *A river called time, a house called land* (2003). Nowadays, studies on the city have increasingly aroused interest not only in the academic world, but also in other segments of society (GOMES, s / d, p.19). In literature, the city is also a human phenomenon, stage of conflicts and historical experiences, which are related to the time and memory of a certain society. The reading of the city within literature goes beyond physical space. City comprises culture, customs, characters and mythical aspects, as in the case of the Island in the novel analyzed. The reflection undertaken from this study requires thinking also about the question of identity, a theme always present in the writings of Mia Couto. As the center of this cultural rescue, the author metaphors in his work the Island of Luar-do-Chão as the mirror of Mozambique, being this space surrounded by mythical elements that will be of great importance for the rediscovery of old traditions revealed to the grandson Marianinho, figure Representative of the hybridization between Portuguese and African cultures, demystifying the comprehension by some critics of orality as an obligatory question in African literature, where Brugioni (2016, 32) affirms that orality is an aesthetic option within his writings . In order to do so, it was necessary to carry out an analytical bibliographical research on African culture, especially in Mozambique. To base the research was used the theoretical reference Gomes (s / d); Gomes (1997); Brugioni (2016); Ana Mafalda Leite (2014); Tutikian (2006); Moraes (2012); Petrov (2014); Fonseca and Cury (2008), among other authors. In this way, the author represents, through the mythical elements (house, land, man and river), contained in the city of Luar-do-Chão, a Mozambique after the post-independence civil conflicts.

**Keywords:** City and Literature. Mia Couto. Identity. Mozambican Romance.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O PROJETO LITERÁRIO DE MIA COUTO.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA: o contexto da obra.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1</b>	<b>Elementos míticos em Luar-do-Chão: a casa-mãe.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2</b>	<b>O rio e o tempo: a vida em movimento.....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>O DIÁLOGO ENTRE CIDADE E LITERATURA.....</b>	<b>20</b>
<b>4.1</b>	<b>A cidade e seus conflitos: a importância do contexto pós-colonial na obra de Mia Couto.....</b>	<b>25</b>
<b>4.2</b>	<b>Luar-do-Chão, um reflexo de Moçambique: a cidade como espaço de construção da identidade.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>CIDADE: o tempo e a memória na narrativa de Mia Couto.....</b>	<b>31</b>
<b>5.1</b>	<b>A travessia do tempo no romance de Mia Couto.....</b>	<b>35</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações sofridas pelas grandes cidades com a chegada da modernidade vem sendo expressas no âmbito da literatura tanto de forma poética quanto sombria, tornando este elemento (a cidade) não apenas palco para o desenrolar da trama, mas uma personagem essencial para a compreensão de determinadas literaturas .

Assim, a cidade representada na literatura contemporânea age como um elemento que acaba provocando algumas mudanças nas personagens que a habitam e acarreta em conflitos gerados pelo forçado contato entre culturas. Frente a isso, muitos escritores utilizam a cidade, seja ela real ou fictícia, como sujeito metaforizado e norteador de experiências, muitas vezes místicas, como é o caso da cidade de Luar-do-Chão, na narrativa de Mia Couto em seu romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003).

Isto posto, o presente trabalho pretende considerar certos aspectos concernentes à representação da cidade por Mia Couto em seu romance. Os conceitos aqui trabalhados concernentes à cidade e seus aspectos representacionais dentro da sociedade africana de Língua Portuguesa, como a cultura e a identidade e os elementos que a constituem (pós-colonialismo), serão trabalhados sob a ótica de alguns teóricos, tais como Azevedo e Szabuk (2014); Petrov (2014); Secco (2012); Cardoso (2009); Leite (2014); Gomes (s/d); Gomes (1997) Alves e Feitosa (2010); Dias (1962); Menezes (2000); Ana Mafalda Leite (2014); Brener (2009); Fonseca e Cury (2008); Jane Tutikian (2006); Moares (2012), entre outros autores.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo faz um percurso literário do escritor moçambicano Mia Couto, ao mesmo tempo em que intenta-se desmistificar o pensamento de alguns críticos sobre a oralidade nos países africanos, mostrando através de aparatos teóricos que esta não é retrato da identidade nesses países.

O segundo capítulo trata da contextualização do romance **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra** (2003), de Mia Couto, sob a perspectiva de investigar o papel da cidade de Luar-do-Chão enquanto elemento mítico em relação às

idades reais. Dentre os elementos que se destacam estão a casa e o rio, que respectivamente metaforizam a terra e o tempo nessa primeira ótica.

No terceiro capítulo será feito um diálogo entre cidade e literatura sob a ótica de autores que estudam sobre o tema. Aqui serão também apresentados os conflitos ocorridos em Moçambique no período pós-colonial, comparando-os aos acontecimentos em Luar-do-Chão dentro do romance em busca de amenizar o principal conflito vivido até os dias atuais, relacionados à questão da identidade. Em se tratando dos conflitos que se passam na cidade ficcional em questão, estes têm uma estreita relação com os resultados das guerras civis que o país de origem do autor enfrentou após sua independência, os quais o próprio vivenciou de perto quando ainda presidia a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Para se chegar à essa relação, fez-se um panorama do contexto pós-independência em Moçambique, trazendo parte do projeto literário do escritor, e relacionou-se ao contexto da Ilha representada por Mia Couto na narrativa em análise.

O quarto capítulo será dedicado a observar os conceitos de tempo e de memória dentro do romance em análise, onde será feita uma relação dos elementos constituintes da cidade à essas duas categorias, que são de extrema importância na preservação da história e da cultura de uma determinada sociedade. Na narrativa em análise o tempo tem o papel de guardar e revelar os mistérios que rondam a Ilha de Luar-do-Chão e a memória faz um elo entre o homem e o tempo. O tempo dentro do romance vem a ser mítico, dando à narrativa o poder de ressurgimento das tradições dos antepassados das personagens.

Portanto, na representação da cidade pelo autor intenta-se recontar a história de Moçambique, num processo de reafirmação de uma identidade cultural para este país, que após sua independência, assim como outros países africanos, passa por uma crise político-identitária.

## 2 O PROJETO LITERÁRIO DE MIA COUTO

O projeto literário de Mia Couto busca afirmar as tradições culturais de Moçambique e ao mesmo tempo recontar a história desse país, que fora reprimido durante muitos anos pelo colonialismo. O autor faz uma releitura do contexto histórico de seu país a partir da reapropriação subversiva da língua, desconstruindo linguisticamente a realidade colonial ao mesmo tempo que a denuncia tematicamente. (TUTIKIAN, 2006, p. 41). Percebe-se, portanto, que o autor utiliza em sua literatura uma linguagem mutável, advinda da oralidade e de criações próprias, conhecidas como neologismos. Dessa forma o autor agrega em seus escritos tanto a Língua do colonizador, quanto expressões de uso corrente utilizadas pela maioria da população. Essa mesclagem da linguagem é uma das formas que Mia Couto utiliza no que se conhece por moçambicanidade<sup>1</sup>. O próprio nome do Avô Dito Mariano já é um neologismo, aquele que dita, que por ser o mais velho é responsável por ensinar as tradições de seus ancestrais aos mais novos.

Quanto a essa mesclagem da linguagem usada pelo escritor moçambicano em suas obras, Fonseca e Moreira (s/d) afirmam que

[...] o leitor é confrontado com passagens obscuras, devido, principalmente, a constantes deslocções de sentido, alterações de significados, reformulações de categorias habituais e introdução de expressões metafóricas inéditas que visam à criação de uma forma oralizante de discurso, pautada em recursos estilísticos que permitem a criação de polissemias textuais que ilustram situações mágicas, míticas e simbólicas. (p. 33-34)

Conforme Petrov (2014) Mia Couto foi fortemente influenciado por narrativas africanas, sendo resultados da representação da oratura, além de ter sofrido grande influência das obras de Guimarães Rosa, que também faz uso de neologismos em seus escritos e retrata diversos aspectos do sertão brasileiro.

Fonseca e Moreira (s/d, p.33) ainda discorrem que nas narrativas de Mia Couto a atenção é voltada para o motivo comum que perpassa sua escrita:

---

<sup>1</sup> Esse termo é utilizado para definir o projeto literário de autores moçambicanos, em particular de Mia Couto, que conforme Pereira (2008, p. 13), procura através da literatura, construir a própria nação na sua diversidade.

A profunda crise econômica e cultural que acompanha o cotidiano da sociedade moçambicana, durante e depois da guerra civil, ou seja, após a independência nacional. Suas obras problematizam a instabilidade na qual está mergulhado o povo moçambicano, a corrupção em todos os níveis do poder, as injustiças como consequência de um racismo étnico, a subserviência perante o estrangeiro, a perplexidade face às rápidas mudanças sociais, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria.

Percebe-se que os problemas existentes em Moçambique acabam refletindo em temas presentes nos escritos de Mia Couto. Todas essas questões são representadas pelo escritor de maneira insólita, em que o leitor é confrontado à situações que passam tanto pela esfera do real quanto do onírico. A linguagem de Mia Couto é fortemente influenciada pela tradição oral africana.

Assim como outros escritores africanos, Mia Couto usa a oralidade como uma opção estética dentro de suas obras como uma marca de produção. Isso não implica afirmar que a oralidade exista o tempo todo na África ou que seja um retrato da identidade dos países africanos (BRUGIONI, 2016, p. 32), como muitos autores insistem em afirmar.

Dessa forma, Ana Mafalda Leite (2014, p. 17) discorre que “A predominância da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas e não uma resultante da “natureza africana”. Porém esse fato muitas vezes é analisado de forma precipitada pelos críticos, que acabam deixando de compreender que a oralidade é ontológica da África e que a escrita é, no contexto africano, algo exportado de outra cultura.

A relação entre a escrita e a oralidade no projeto literário de Mia Couto coloca em pauta a dimensão contextual que faz relação entre a realidade, a cultura e a sociedade, em que “o dito ultrapassa a esfera do escrito”. (BRUGIONI, 2016, p. 28)

### 3 UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA: o contexto da obra

Neste capítulo iremos analisar o livro **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, do escritor moçambicano Mia Couto, sob a perspectiva da investigação do papel da cidade de Luar-do-chão no contexto do romance enquanto elemento mítico em paralelo às cidades reais.

Mia Couto é um dos principais escritores do continente africano. Suas obras são tão relevantes que em 2013 ganhou o Prêmio Camões de Literatura. Seus escritos ganham importância não só pela forma como o autor descreve a vida diária de seu povo, mas pela forma como brinca com as palavras, fazendo a mesclagem do uso do português culto com palavras regionais e o uso de neologismos. Petrov (2014, p. 55) afirma que a linguagem utilizada por Mia Couto em seus escritos é uma “linguagem simuladora da realidade”, já que o autor se apropria de certa coloquialidade própria do Português falado em Moçambique. Já Azevedo e Szabluk (2014, p. 28) afirmam, em sua pesquisa sobre a vida do autor moçambicano, que “Nos últimos anos, intensificou-se no discurso do autor o clamor pela produção do que chama de pensamento próprio moçambicano [...]”. Dentre suas obras as mais importantes estão: **Raiz de orvalho** (1983), neste livro o autor reuniu seus poemas; **Vozes anoitecidas** (1986), livro de contos que rendeu ao escritor o prêmio mais importante de seu país, AEMO – Associação Moçambicana de Escritores, que alavancou sua carreira; **Terra sonâmbula** (1992), tem como tema central a Guerra Civil em Moçambique no pós-independência que durou quase 20 anos; **Estórias Abensonhadas** (1994), um livro que reúne 26 contos que retratam o recomeço de Moçambique após a Guerra Civil; **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra** (2003), romance selecionado para o presente estudo que trata do retorno às tradições de seu país mostrado na figura da personagem Marianinho.

Em se tratando da Literatura dos países africanos, pode-se afirmar que esta ainda é muito recente, assim como sua independência. A Literatura desses países tem uma relação intrínseca com a oratura, termo referente às histórias contadas pelos mais velhos aos mais novos. Esta observação tem como base “o jogo com o insólito e com o suspense, estratégias típicas da oratura em geral” (PETROV, 2014, p. 43), que tem

como objetivo despertar o interesse do leitor para uma participação interpretativa. Na década de sessenta, quando a maioria dos países africanos conseguem sua independência, nas então colônias da Guiné, Angola e Moçambique inicia-se uma guerra colonial, e com ela um desenvolvimento e crescimento urbano desses países. Esses fenômenos, em conjunto com as guerras civis do pós-independência contribuíram para a separação entre o mundo rural e a cidade, forçando uma modernidade e enfraquecendo as tradições orais, mais presentes na sociedade rural. É devido a isso a relação intrínseca da história desses países e da literatura com a oralidade (LEITE, 2014, p. 31). Antes da colonização dos países africanos as histórias eram contadas pelos mais velhos, a escrita da literatura nesses países só foi introduzida após o período colonial. Dessa forma, ainda citando Ana Mafalda Leite (2014), a autora problematiza que

O reconhecimento e ideia aceita de que a literatura africana moderna nasce a partir da introdução da escrita em África pelos europeus levou a uma curiosa dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia, a oralidade é africana. E aquilo que é um fenômeno acidental passa a ser encarado como um fenômeno essencial. (LEITE, 2014, p. 15)

A autora discorre que a escrita, esse fenômeno acidental, tornou-se essencial por imposição cultural do colonizador. Isso não significar dizer que a oralidade é coisa obrigatória na literatura africana e que a escrita é algo estrangeiro para esse povo.

Na necessidade de afirmação cultural, os escritores africanos recorreram aos caminhos da tradição oral de seu povo no universo da escrita literária. Essa foi uma das formas de criar um modelo próprio, tentando distanciar-se dos modelos europeus, apesar de serem obrigados a escrever na Língua do colonizador por uma questão de prestígio social.

Na literatura africana podemos evidenciar a figura de anciãos, cuja sabedoria é repassada às novas gerações. Em **Um rio chamado tempo, uma casa Chamada terra**, Mia Couto afirma essas tradições orais na figura do avô Mariano, que através de cartas tenta repassar ao seu neto uma cadeia de saberes com a finalidade de perpetuar o ensinamento dessas tradições, pois ao mudar-se para a cidade grande o neto perdera os costumes da Ilha. O próprio funeral do avô é exemplo inegável da tentativa de resgate das tradições em África. Em função disso Secco (2012) afirma que

Os velhos tinham um papel importante nessas filosofias africanas de vida: eram os guardiões da memória, os “griot”, ou seja, os contadores de histórias que passavam aos mais jovens conhecimentos tradicionais. Eram eles, assim, os intermediários que ouviam os antepassados e transmitiam suas mensagens aos humanos. De acordo com essa visão, ‘os velhos eram pontes que ligavam os vivos aos ancestrais’. (SECCO, 2012, p. 69)

O romance de Mia Couto narra o retorno de Marianinho à Ilha de Luar-do-Chão, ditado pelas ordens da suposta morte de seu Avô. O reencontro com a família causa certa estranheza, já que Marinho passara muito tempo longe de casa e voltara sentindo-se um estrangeiro em sua própria terra natal. Seu regresso à Ilha pode ser visto como uma ligação entre o tempo e a memória, no âmbito da busca de suas raízes identitárias. Passando por cima das tradições, a Avó decide que Marianinho seria o responsável por realizar os procedimentos do enterro do Avô, o que causou um certo desconforto entre os outros parentes. A morte do avô é um tanto misteriosa. No entanto, não se sabe se o Avô realmente está morto, pois o médico que o examinara diz ter sentido cheiro de veneno no hálito do mesmo. Porém, quando o neto começa a receber cartas anônimas, revelações sobre sua vida e sobre a vida de sua família vêm à tona e o jovem começa a compreender sua própria história. Só depois Marianinho descobre que as cartas foram escritas pelo próprio avô, e foi só a partir de todas essas revelações que a terra se abriu para receber o corpo do Avô. Cardoso (2009) enfatiza que

[...] as cartas desempenham, na narrativa, várias funções dentre as quais se pode destacar as de estabelecer uma ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos, de ensinar as ações que salvariam a vida em Luar-do-Chão e, principalmente, de propiciar um diálogo entre a cultura africana e a europeia. (CARDOSO, 2009, p. 03)

Dessa forma o jovem Mariano, faz uma transição no espaço sagrado de seus ancestrais, que de acordo com os rituais e costumes presentes em Luar-do-Chão, estes, os mortos, continuam a aconselhar ou punir os vivos. De acordo com Moraes (2012), as cartas dentro do romance servem:

[...] para mediar conflitos e demonstrar como a escrita é sumamente importante, tanto quanto a questão da oralidade, para que possamos compreender de maneira mais plena de que modo se processa a cultura moçambicana e, conseqüentemente, africana [...] (MORAES, 2012, p. 98)

Em se tratando da morte no romance de Mia Couto, Cardoso (2009, p. 02) afirma que esta “[...] é a mola mestra da narrativa em questão”, pois é a partir de seu

prelúdio que o neto abandona a cidade grande e passa a refletir sobre a vida em Luar-do-Chão, assim também como a brusca relação entre a cultura africana e a cultura europeia. E é com essa reflexão que a narrativa se inicia “A morte é como um umbigo: o quanto nela existe é sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência.” (COUTO, 2003, p.15).

Parafraseando Secco (2012, p. 68) nas tradições dos povos bantu, os rituais feitos aos mortos eram iniciados com os funerais, onde havia muita comida, bebida e música no intuito de os falecidos serem bem recebidos pelos seus antepassados. Os parentes e amigos dos mortos choravam antes do enterro. Depois os mesmos teriam que dançar por alguns dias para que a morte fosse exorcizada. Para eles a alegria dos vivos precisava continuar para ser passada também aos mortos. Em Moçambique, essas cerimônias são chamadas óbitos.

Nas tradições culturais africanas, a morte, é um rito de passagem, e dessa forma esta deve ser celebrada e é necessário que o morto seja preparado. Em **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, estão presentes vários costumes moçambicanos típicos desses ritos:

No quintal e no interior da casa tudo indicia o enterro. Vive-se, até ao detalhe, a véspera da cerimónia. Na casa grande se acotovelam os familiares, vindos de todo o país. Nos quartos, nos corredores, nas traseiras se aglomeram rostos que, na maior parte, desconheço. Há anos que não visito a Ilha. Vejo que se interrogam: eu, quem sou? Desconhecem-me. Mais do que isso: irreconhecem-me. Pois eu, na circunstância, sou um aparente parente. Só o luto nos faz da mesma família. Seja eu quem for, esperam de mi tristeza. Mas não este estado de ausência. Não os tranquiliza ver-me tão só, tão despedido de mi. Em África, os mortos não morrem nunca. (COUTO, 2003, p. 20-30)

Essa representação da forma como a morte era tratada nos países africanos é um modo de quebrar com a visão negativa da morte tida pelos ocidentais como o fim da vida, enquanto os africanos enxergam esse rito como o começo de uma nova vida no âmbito espiritual.

### **3.1 Elementos míticos em Luar-do-Chão: a casa-mãe**

A Ilha de Luar-do-Chão é rodeada por mistérios que estão ligados com a suposta morte do avô. O retorno de Marianinho à Ilha metaforiza a transição entre a

cultura europeia e a cultura africana. O contato sobrenatural entre avô e neto remete ao contato entre a modernidade e as tradições de seus ancestrais.

Tratar do mítico quando se fala em África é tratar da realidade presente em seus costumes, já que o sobrenatural torna-se “natural” se pensarmos nas crenças, hábitos e modos de subjetividade próprios do continente. Um dos elementos míticos encontrado no romance é a casa, pois como enfatizado anteriormente, no romance Mia Couto busca fazer um resgate da identidade cultural africana. O escritor traz como centro desse resgate a casa pertencente ao clã dos Malilanes em Luar-do-Chão.

O marco inicial do reencontro de Marianinho com a cultura da Ilha é a casa, “Esta, assim como outros elementos essenciais na obra, parece ter vida própria: não se trata apenas de um lugar em que se vive ou onde se recebe visitas” (MORAES, 2012, p. 94). Metaforizada como mulher, a casa é como um ser maternal, por ser um espaço de acolhimento, gesto que advém da figura da mulher mãe.

Desembarcamos do tractor, aos molhos. A grande casa está defronte a mim, desafiando-me como uma mulher. Uma vez mais matrona e soberana, a Nyumba-Kaya se ergue de encontro ao tempo. Seus antigos fantasmas estão, agora, acrescentados pelo espírito do falecido Avô. E se confirma a verdade das palavras do velho Mariano: eu teria residências, sim, mas casa seria aquela, única, indisputável. (COUTO, 2003, p. 29)

Por ser tão respeitada a casa serve como palco para vários acontecimentos, inclusive o funeral do Avô que teimava em não morrer até que a paz em Luar-do-Chão voltasse a reinar. O nome Nyumba-Kaya na língua africana designa casa e este nome foi dado à casa dos malilanes para satisfazer a todos os familiares desse clã, como explica Marianinho ao avistar a casa em sua chegada à Luar-do-Chão.

Por fim, avisto a nossa casa grande, a maior de toda a Ilha. Chamamos-lhe Nyumba-Kaya, para satisfazer familiares do norte e do sul. “Nyumba” é a palavra para nomear “casa” nas línguas nortenhas. Nos idiomas do sul, casa se diz “kaya”. (COUTO, 2003, p.28)

Pensando no contexto de satisfação de todos os parentes em relação ao nome da casa, o significado torna-se mais relevante, já que a casa torna-se um espaço de abrigo e os parentes estão por toda parte. Conforme Moraes (2012)

O funeral de Dito Mariano é um evento que não deixa ninguém de fora, Nyumba-Kaya tem a missão de abrigar e deixar a numerosa família à vontade enquanto duram os ritos – é vista, como destaca o narrador-personagem, como um corpo ou uma mulher, e consiste num verdadeiro desafio para ele, já que é necessário que Marianinho volte a se lembrar da casa que fez parte de seus anos de infância. (MORAES, 2012, p. 94-95)

A casa metaforizada como mãe faz uma relação germinal, sendo esta um local de proteção e de crescimento. É como se o seu interior fosse o ventre onde os homens são gerados e abrigados, seja enquanto vivos ou enquanto mortos. E ali estava Marianinho, de reencontro ao seu embrião: “Vou pelo corredor, alma enroscada como se a casa fosse um ventre e eu retornasse à primeira interioridade.” (COUTO, 2003, p. 111).

Como toda mulher, a casa guarda em seu interior um espaço reservado para seus segredos. No romance, o local dentro da casa é o quarto onde os mistérios que rondam Luar-do-Chão começam a ser revelados ao neto. Este quarto é o único espaço no qual o molho de chaves dado pela avó Dulcineusa ganha vida. Sendo que este cômodo não existe de fato, é um espaço abstrato, e dentro dele são revelados fatos concretos que serão de suma importância para a compreensão da história da família de Marianinho.

[...] O molho de chaves que a Avó Dulcineusa me dera retilinta em minha mão. Já me haviam dito: aquelas chaves não valiam de nada. Eram de fechaduras antigas, há muito mudadas. Mas a Avó Dulcineusa guardava-as todas, porque sofria de uma crença: mesmo não havendo porta, as chaves impediam que maus espíritos entrassem dentro de nós. (...) Agora confirmo: nenhuma chave se ajusta em nenhuma fechadura. Excepto uma, no sótão, que abre a porta do quarto de arrumos. Entro nesse aposento obscuro, não há lâmpada, um cheiro húmido recobre tudo como um manto. Deixo a porta entreaberta, para receber uma nesga de claridade. (COUTO, 2003, p. 111)

No decorrer do romance, Marianinho deixará ‘entrar em si a casa’: assim, o mesmo aprenderá sobre si, sobre as raízes de seus ancestrais e tornar-se-á, o herdeiro e protetor da casa do clã ao qual pertence, à qual defenderá como extensão de sua própria existência (SILVA, 2010, p. 220). Assim, a autora ainda ressalta que

a casa patriarcal, metáfora da família original, apresenta-se ao rapaz recém-chegado como forte, altaneira e desafiadora: ele devia conquistá-la como a uma mulher, pelo amor, deixando-se seduzir pelo universo de valores do qual era herdeiro. (SILVA, 2010, p. 229)

Há momentos no romance que a casa é comparada a um ser vivo, como uma planta, a qual deve ser regada todos os dias para que suas raízes sejam alimentadas, com o intuito de dar energia ao espaço e àqueles que ocupam esse espaço. Essa tradição já era ensinada pela Avó Dulcineusa: “Todos os dias a avó regava a casa como se faz com uma planta. Tudo requer ser agitado, dizia ela. A casa, a estrada, a árvore. E até o rio deve ser regado.” (COUTO, 2003, p. 31) Conforme Silva

(2010, p. 223) “Regar a casa é deitar água sobre ela. a água, como já vimos, é fonte de vida e de morte; podemos inferir que ela traz em si mesma o ciclo contínuo de vida – morte – renascimento.” Dessa forma o Avô completa em sua última carta o pensamento da avó Dulcineusa: “Você meu neto, cumpriu o ciclo das visitas. E visitou casa, terra, homem, rio: o mesmo ser, só diferindo em nome.” (COUTO, 2003, p. 258) Nesta passagem o pensamento do Avô está vinculado ao tempo, sendo que as visitas do neto tornam-se passagens por fases representadas pelos elementos casa, terra, homem e rio, quem vêm representar respectivamente o nascimento, o crescimento, o amadurecimento e a morte.

Dessa forma a cidade de Luar-do-Chão torna-se palco de fixação desses elementos representativos do tempo. Elementos esses que tem como centro a figura feminina casa, onde se gera o início de todos os conflitos que ocorrem nessa cidade e ao mesmo tempo guarda os mistérios que serão desvendados pelo narrador-protagonista.

### **3.20 rio e o tempo: a vida em movimento**

No romance analisado os elementos naturais não somente fazem parte da vida dos personagens, como também são considerados como tal. O rio Madzimi está intimamente ligado ao tempo, voltando-se para a metáfora da vida e da morte. É o rio que separa a cidade da Ilha, é onde Marianinho atravessa a ponte do seu presente e do passado, quando se pensa na separação entre o moderno e suas antigas tradições, as quais havia perdido ao fazer uma travessia nesse tempo ainda criança.

[...] cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol. A voz antiga do avô parece dizer-me: depois deste poente não haverá mais dia. E o gesto gasto de Mariano aponta o horizonte: ali onde se afunda o astro é o mpela djambo, o umbigo celeste. A cicatriz tão longe de uma ferida tão dentro: a ausente permanência de quem morreu. No avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais para de morrer. (COUTO, 2003, p.15)

Ao atravessar o rio, depois de muitos anos, o neto faz seu primeiro contato com a cultura antiga ao se comunicar com o Avô através das cartas. Assim, relacionando a ligação entre neto e avó, que antes estavam separados pelo rio/tempo, Silva (2010, p. 148) afirma que “a palavra de Dito Mariano – [...] sugere a essência da

personagem: aquele que dita, em primeira pessoa – redigida por Marianinho torna-se um rio a ligar duas gerações, dois tempos, em uma mesma história”.

O Madzimi possui uma função mística, quando comparado ao ciclo mênstruo ao qual somente uma mulher pode passar: “O rio está sujo, peneirado pelos sedimentos. É o tempo das chuvas, das águas vermelhas. Como um sangue, um ciclo mênstruo vai manchando o estuário” (COUTO, 2003, p.19).

A ligação íntima entre os personagens e o rio representa a passagem do tempo. Assim como fluem e movimentam-se as águas do rio, a vida também se movimenta, como salienta Eric Dardel (2011, p.20) apud Moraes (2012, p. 88). Dessa forma compreende-se que “os rios de uma maneira geral, e o Madzimi especificamente, movimentam o espaço e fazem escoar o fluxo do tempo” (MORAES, 2003, p. 88). Uma das personagens que fazem relação do tempo com o rio é Mariavilhosa, mãe de Marianinho que teve uma morte misteriosa nas águas do rio Madzimi.

- É verdade que minha mãe morreu afogada? Afogada era um modo de dizer. Ela suicidara-se, então? A avó escolhe cuidadosamente as palavras. Não seria suicídio, também. O que ela fez, uma certa tarde, foi desatar a entrar pelo rio até desaparecer, engolida pela corrente. Morrera? Duvidava-se. Talvez se tivesse transformado nesses espíritos da água que, anos depois, reaparecem com poderes sobre os viventes. Até porque houve quem testemunhasse que, naquela derradeira tarde, à medida que ia submergindo, Mariavilhosa se ia convertendo em água. Quando entrou no rio seu corpo já era água. E nada mais senão água. (COUTO, 2003, p.105)

A explicação dada pela Avó revela o rio não somente como um espaço físico, um local de afogamento, mas também um espaço místico, onde a espiritualidade está presente em favor da Ilha e da terra.

Na África os elementos da natureza são tratados da mesma forma como se trata um ser humano: com respeito e decoro. No romance Marianinho percebe esse respeito através das mulheres que respeitam uma tradição ao entrar no rio: “Estou na margem do rio, contemplando as mulheres que se banham. Respeitam a tradição: antes de entrara na água, cada uma pede permissão ao rio” (COUTO, 2003, p.211).

Dessa forma, enquanto a casa nos remonta à terra, por ser fixa, o rio por sempre está em movimento nos remete ao tempo, que nunca para. E assim é a vida em Lua-do-Chão: cheia de movimento.

#### 4 O DIÁLOGO ENTRE CIDADE E LITERATURA

O estudo sobre a cidade vem despertando cada vez mais o interesse não somente no mundo acadêmico, mas também de outros segmentos da sociedade, como governos, arquitetos e até mesmo pelos próprios habitantes da cidade (GOMES, s/d, p.19). Esse interesse pelo estudo das cidades traz como hipótese um tema bastante frisado pelos escritores africanos que é ‘o desabrochar de identidades regionais e locais alicerçadas numa revitalização do direito às raízes’ (Boaventura Santos, 1996, 17-22 apud GOMES, s/d, p.21). Além disso, tem-se notado uma alteração no papel do espaço na sociedade, constatado pela ciência geográfica que tem se dedicado ao estudo deste. Dessa forma percebe-se uma nova cartografia do mundo, e diante disso o que está sendo explorado é a relação entre “Literatura-Geografia”, onde a Literatura “tem uma penetração muito maior na vida social e cultural” (ALVES e FEITOSA, 2010, p. 122). Aqui o espaço estudado é a cidade com suas características, seu papel na literatura, suas múltiplas vozes, entre outros aspectos.

Conforme Dias (1962, p. 06) “A cidade é, simultaneamente, o *locus* construído pela troca simbólica e o imenso corpo natural onde nascem, crescem, se entrelaçam e morrem outros corpos.” Na literatura a cidade também é esse corpo onde ocorrem as fases naturais da vida. Porém como, no corpus literário, pode-se tratar de uma cidade fictícia ou não, alguns outros elementos podem ser acrescentados na análise literária feita a essa cidade, conforme a expectativa do autor em relação à sua obra e aos seus leitores.

Assim, a reflexão sobre o estudo da cidade exige pensar sobre o problema da identidade, tema que está sempre presente nos escritos de Mia Couto. Em se tratando de África essa problemática torna-se mais relevante ainda. No livro **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, Mia Couto aponta para essa questão simbolizando a cidade de Luar-do-chão como esse corpo natural onde outros corpos protagonizam a morte da cultura local.

A literatura faz uma leitura diferenciada das cidades nela representadas, que vai muito além do aspecto físico-geográfico. A cultura, os costumes, os personagens que nela habitam tornam a cidade dentro da literatura um discurso, isto é, uma

verdadeira linguagem, já que ela fala a seus habitantes (GOMES, 1997). Em se tratando de Mia Couto essa cidade pode vir a representar muito além desses aspectos naturais, à medida que ela passar a ser responsável pelos acontecimentos de forma sobrenatural. Mesmo que na literatura a cidade representada seja uma cidade verdadeira, o escritor tem a liberdade de atribuir novas características ao descrevê-la, o que leva o leitor a imaginá-la de uma forma diferenciada. Ainda segundo o autor: “Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes [...]” (GOMES, s/p, 1997).

O interesse em representar a cidade na literatura pode ser visto também como uma forma de denúncia ou de protesto que o autor faz ao atribuir características pertinentes e intencionadas a certas cidades, seja ela fictícia ou não. Conforme Menezes (2000, p. 14) na segunda metade do séc. XX, “o movimento de contracultura nos Estados Unidos, por exemplo, fez ecoar a voz do movimento beat que em agudas notas protestava contra a transformação das cidades em espaços alienígenas a seus moradores”. Por consequência nesse período houve crítica às grandes cidades. Muitos autores da literatura da época tiveram o interesse de tratar em seus escritos sobre a urbe.

É pertinente afirmar que quando se trata da cidade na literatura, esta vai estar intimamente ligada à cultura e identidade como já foi mencionado neste estudo. Suas ruas, praças, casas e até mesmo as intervenções que esta cidade sofreu ao longo do tempo fazem parte do cenário cultural e tornam-se personagens dentro da literatura.

Sendo a cidade matéria de interesse da literatura, Gomes (1994) apud Brener (2009) define a cidade como sendo a materialização da história do homem, tendo como resultado seu desafio à natureza. A cidade é o espaço onde o homem vive suas experiências humanas e a literatura tem o papel de fixar a memória desse trabalho que é, portanto coletivo.

O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. (GOMES, 1994, p.24 apud BRENER, 2009, p. 324)

Sobre a íntima ligação entre a literatura e a cidade Castro (2015, p. 01) nos afirma que essa proximidade é possível porque é no espaço urbano que se encontram as 'instituições literárias básicas', além de ocorrer dentro das cidades 'as intensidades do contato cultural e as fronteiras da experiência'.

A cidade é o cenário privilegiado na literatura para a representação das vivências humanas, dos conflitos, da representação cultural de um povo e até mesmo do contexto histórico de uma determinada época. Além de ser um espaço propício a essas questões, a cidade torna-se em muitos casos a personagem principal dentro da literatura.

Em se tratando da cidade, não podemos esquecer que está preta de questões (como cultura, identidade, personagens que nela habitam, etc.) indissociáveis à vida social. A literatura, por sua vez, entrelaça tais questões em um jogo de conflitos e características que acabam por definir este espaço.

A literatura vem abrindo um espaço relevante nas representações das cidades. Na obra de Mia Couto essa temática vem sempre relacionada ao resgate das tradições culturais perdidas com o colonialismo. A literatura dos países africanos ainda é muito recente e tem grande influência da oratura – contação de histórias pelos anciãos aos mais novos. Mia Couto vive em uma busca constante por uma identidade literária africana, onde o mesmo faz um resgate das tradições moçambicanas e/ou as reinventa em seus escritos. Assim, Fonseca e Cury (2008, p. 17), relatam “[...] que toda tradição é, em certa medida, reinventada, já que só pode ser apreendida no discurso.” Conforme Jane Tutikian (2006)

A cultura moçambicana se impõe sobre a racional, dentro do projeto de Mia Couto de resgatar e afirmar suas tradições culturais e, ao mesmo tempo, recontar a história moçambicana reprimida, permitindo sua releitura sob um novo prisma, que não o ocidental, mas através de uma forma ocidental, pela reapropriação subversiva da língua. Assim, Mia Couto desconstrói a realidade colonial lingüisticamente, denunciando-a tematicamente. (TUTIKIAN, 2006, p. 41)

Dessa forma, a literatura torna-se um espaço essencial de reinvenção das tradições adormecidas pelo colonialismo ou até mesmo pelos africanos que migram para as cidades grandes e perdem o contato com suas tradições, como é o caso de Marianinho, que retorna a Lua-do-Chão com certa estranheza e desacostumado das feições de sua terra natal. À estes personagens Fonseca e Cury (2008, p. 86) atribuem

o nome de “retornados”. Diniz (2008, p. 84) discorre que ao se conviver com outra cultura, uma pessoa que se muda para outro lugar, ao retornar à sua terra natal, não volta igual ao que era no momento em que saiu de lá. Como o avô Mariano era um ancião sábio, logo sabia das mudanças que seu neto havia de passar ao se mudar para a cidade grande e concluiu que Marianinho não seria o mesmo e nunca mais pertenceria a Luar-do-Chão.

[...] Vendo a agonia de Dito Mariano, eu ainda tentara um consolo:  
 - Eu volto, Avô. Esta é a nossa casa.  
 - Quando voltares, a casa já não te reconhecerá – respondeu o Avô.  
 O velho Mariano sabia: quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retorna. [...] Assim fora com os outros, assim seria comigo. (COUTO, 2003, p. 29)

Luar-do-Chão é uma cidade fictícia que está intrinsecamente ligada ao desaparecimento das tradições africanas, gerando um caos que só pode ser quebrado ao ser feito um resgate dessa tradição no lugar pelo contato entre neto e avô.

Com a suposta morte do avô Mariano, os mistérios começam a rondar Luar-do-Chão, o que gera um contraponto na narrativa, já que enquanto Marianinho retoma o passado em busca de compreender a verdadeira história de sua família e conhecer a si próprio, o avô Mariano vai de encontro ao futuro, desde que o mesmo passa dessa vida para outra. O avô postumamente faz “[...] revelações que só são possíveis por conta de seu trânsito no âmbito do natural e do sobrenatural [...]” (MORAES, 2012, p. 90), pois somente dessa forma seria possível o mesmo entrar em contato com o neto e trazer à tona os segredos de sua família, que acabariam por libertar Luar-do-Chão do caos.

De acordo com Adeldo Gonçalves e Robson Lacerda Dutra apud Moraes (2012, p. 91):

Em Luar-do-Chão, uma ilha misteriosa de acontecimentos fantásticos, ele [Marianinho] precisa solucionar um conflito íntimo, semelhante ao dilema da África pós-colonial. Esta ilha vai representar para o protagonista um reencontro consigo próprio. A pretexto do relato das extraordinárias peripécias que rodeiam o funeral do avô de Mariano, este romance traduz, de uma forma ao mesmo tempo irônica e profundamente poética, a situação de conflito vivida por uma elite ambiciosa e culturalmente distanciada da maioria rural.

Apesar do romance não se passar em tempos de guerra, o autor recria o que a guerra causou em Moçambique.

A cidade criada por Mia Couto é cercada de mistérios e pode ser lida como o epicentro que representa a libertação de Moçambique após a independência. Com a

colonização muitos valores e costumes foram perdidos e o autor tenta fazer um resgate dessas tradições dentro da literatura, sendo a cidade de Luar-do-chão a protagonista no que diz respeito ao resgate desses costumes.

Luar-do-Chão nesse caso usurpa Moçambique no período pós-colonial, passando a ser a representação do país dentro da narrativa de Mia Couto. Vale lembrar que o país só teve oficialmente os primeiros pensamentos de independência com a organização da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique, da qual fez parte o autor moçambicano Mia Couto, que realizou um grande movimento de conscientização nacional sobre a luta pela independência. De acordo com Tutikian (2006, p. 38) “o poder econômico e coercitivo do Estado mascara e impede o florescimento de uma identidade territorial, política e cultural” nas ex-colônias portuguesas da África. Com isso houve uma grande crise política, econômica e cultural. Ainda citando a autora, a mesma afirma que

a história da África reconhece o passado colonial e um presente pós-colonial e, nesse sentido, ela se olha criticamente e se mostra através de sua literatura e de seus escritores, e aí estão os textos de Pepetela, de Mia Couto, Germano Almeida ou outros. (TUTIKIAN, 2006, p.39)

Nesses países é fato que a independência política e econômica precedem a independência cultural. É por isso que muitos escritores africanos, inclusive Mia Couto fazem de seus escritos uma busca incessante pela emancipação cultural, quebrando de forma idealizada os traços culturais com o colonizador. E é claro que todos esses acontecimentos ocorrem em prol da cidade.

Em **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, o autor Moçambicano traz a ideia de independência em todos os acontecimentos que ocorrem em Luar-do-chão inter-relacionados à personagem Marianinho. Há aí uma relação entre opressão e liberdade, já que por ter ido embora para a cidade grande, Marianinho passa a ter hábitos citadinos diferentes do que tinha antes de mudar-se de sua cidade natal, sendo ele oprimido por tais hábitos. E a liberdade só é possível após um resgate de tudo de que a personagem se desacostumara. Para isso Mia Couto faz uma ponte de ligação entre neto e avó, isto é: o contato entre as velhas tradições e as tradições do colonizador. Assim Diniz (2008, p. 50) afirma que a convivência entre o velho e o novo é uma espécie de negociação de “tradições e traduções, oscilando entre a oralidade e a

escrita”. A autora ainda parafraseia que Mia Couto sinaliza afirmando que “não existe futuro se não se considera o passado”, voltando nosso olhar para o papel do ancião nas comunidades africanas.

#### **4.1 A cidade e seus conflitos: a importância do contexto pós-colonial na obra de Mia Couto**

As cidades, por se tornarem grandes centros urbanos, estão cada vez mais em conflito. Esses conflitos são causados no trânsito, na saúde, na educação, na segurança pública, entre outros elementos geradores desse caos.

Quando se trata dos países africanos de Língua Portuguesa esses conflitos estão também ligados à luta pela libertação desses países das mãos dos portugueses. Dentre as primeiras organizações políticas com ideais de libertação, pode-se citar o Movimento pela Libertação de Angola (1953) e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) (TUTIKIAN, 2006, p. 38). Esses movimentos foram responsáveis por conscientizar a nação à luta pela libertação das colônias, gerando grandes conflitos entre colonizados e colonizadores.

Na literatura de Mia Couto, um dos conflitos que estão presentes em suas obras é a guerra – tanto a da independência quanto a guerra civil do período pós-colonial. Isso não se dá por acaso, já que o autor vivenciou de perto a última fase da guerra contra o colonizador português, como jornalista, além de ter presenciado os conflitos civis após um longo período em Moçambique. (FONSECA e CURY, 2008, p. 37) Apesar de não se passar em tempos de guerra, no romance **Um Rio Chamado tempo, uma casa chamada terra**, a cidade de Lua-do-Chão vive o caos deixado pelas guerras civis do pós-independência.

O romance nos leva a conhecer Moçambique, por meio da imagem da Ilha. Após ter recebido sua independência em 1975, o país acabou mergulhando em uma guerra civil, conflito esse gerado por questão de poder. Esse conflito gerou sérias consequências negativas para Moçambique. Algumas dessas consequências podem ser destacadas como as áreas da educação e da saúde, além da produção agrícola vir a desaparecer em algumas regiões do país, e com a seca na década de 90, essa

situação só piorou. Muitas pessoas morreram e outras chegaram a abandonar o território, em busca de sobrevivência. Porém, o conflito que ainda hoje perpetua nos países de Língua Portuguesa, e em especial Moçambique, é a questão de autonomia sócio-política, já que esses países não têm vez e nem voz, por ainda serem dominados por resquícios do colonizador, como aponta Achille Mbembe apud Moraes (2012, p. 24) em uma entrevista dada a Norbert N. Ouendji do site Buala

África não tem nada a fazer perante um mundo mais feroz do que nunca, com micro-Estados sem nomes, sem voz nem peso próprios. Precisa absolutamente de decidir se quer constituir-se como força autônoma, ser capaz de abraçar o mundo e de agir à sua altura. Esta idéia de uma “nacionalidade africana”, de uma “cidade africana” vem de longe. Ela é inseparável da emergência da África na modernidade. Comporta dimensões políticas, filosóficas, estéticas e econômicas. Para reativá-la positivamente nas condições contemporâneas, é preciso remetê-la para as mãos de sociedades civis africanas e fazer dela um grande movimento cultural.

Percebe-se no discurso do autor que há uma necessidade urgente de se formar uma revolução cultural, pois somente por meio dela será possível alcançar a tão sonhada independência de fato. Um dos meios pelos quais se pode ser efetivada essa revolução cultural é a Literatura, o que muitos autores já vêm fazendo. Mia Couto, como exposto no capítulo anterior, busca em seu projeto literário reafirmar as tradições de seu país através de seus escritos.

No romance de Mia Couto ora analisado todos os conflitos estão ligados aos elementos situados na cidade de Lua-do-Chão que podem ser compreendidos como um retrato de Moçambique após as guerras civis.

Dentro da obra o leitor é levado a conhecer a história de Moçambique que após as guerras civis do pós-independência está improdutiva. A seguinte passagem retirada do romance de Mia Couto nos revela a situação em que se encontra Luar-do-Chão, num estado de abandono, miséria e decadência:

Dói-me a ilha como está, a decadência das casas, a miséria derramada pelas ruas. Mesmo a natureza parece sofrer de mau-olhado. Os capinzais se estendem secos, parece que empalharam o horizonte. À primeira vista, tudo definha. (COUTO, 2003, p. 28)

Nota-se nesse trecho a descrição de uma Moçambique que se tornou improdutiva e sem esperanças de reestruturar-se. Além das guerras, o romance traz como um desenho dos conflitos e a presença constante da morte, o que indica a falta de harmonia, em tempos de guerra e até mesmo após a guerra: “[...] a morte é a cicatriz

de uma ferida nunca havida, a lembrança de uma nossa já apagada existência.” (COUTO, 2003, p. 260)

O mundo vive sob o poder do capitalismo e faz de refém a sociedade, que acaba virando escrava desse regime. Últímio, filho mais novo do Avô Mariano, é a personagem que mais representa a figura do capitalismo exagerado. Conforme Fonseca e Cury (2008, p. 52-53) a personagem “[...] representa uma das forças atuantes no mundo contemporâneo que fazem com que a África, para o bem e para o mal, assuma, em tensão extrema, as condições do mundo em que vivemos.” Dessa forma, é correto afirmar, com a ganância pelo poder e por pensarem em si próprios, os capitalistas acabam gerando conflito para a nação, ou cidade em que vivem.

Meu tio Últímio, todos sabem, é gente grande na capital, despense negócios e vai politicando consoante as conveniências. A política é a arte de mentir tão mal que só pode ser desmentida por outros políticos. Últímio sempre espalhou enganos e parece ter lucrado, acumulando alianças e influências. (COUTO, p. 28)

Essa passagem do romance nos mostra o olhar do personagem em relação aos valores sociais, onde o autor faz um apelo às tradições de uma sociedade, criticando o processo de globalização que acaba por fracassar o processo de uma busca identitária dos africanos. O autor ainda relaciona a mentalidade capitalista de Últímio com a modernidade. Esse duelo entre a tradição e a modernidade dentro do romance vem representado pelos personagens Marianinho e Últímio. Por ser o último filho do Avô Mariano, esse personagem representa o ciclo final das tradições africanas e, ao mesmo tempo, a pessoa que apresenta à Ilha o processo de modernização.

O distanciamento de Últímio com as tradições de sua cidade causa conflitos entre o clã dos Malilanes. O mesmo vê em Marianinho a possibilidade de comprar a Nyumba-Kaya, para fins lucrativos, já que percebe na figura do sobrinho um transmissor da modernidade, por ter habitado muito tempo na cidade grande. Porém Marianinho, por estar retornando à suas raízes, assegura que o tio nunca comprará a Nyumba-Kaya: “[...] – Porque essa casa sou eu mesmo. O senhor vai ter que me comprar a mim para ganhar posse da casa. E para isso, Tio Últímio, para isso nenhum dinheiro é bastante.” (COUTO, 2003, p. 249)

Outra passagem do romance que faz relação da modernidade com as tradições africanas é a epígrafe que inicia o quarto capítulo, onde a modernidade é uma

coisa inevitável, depende de cada pessoa preservar e guardar dentro de si valores culturais de acordo com o nosso desenvolvimento mental em cada espaço que ocupamos. Assim é a casa, segundo o avô Mariano, quando metaforiza nela as tradições que devemos preservar dentro de nós: “O importante não é a casa onde moramos. Mas onde em nós a casa mora.” (COUTO, 2003, p. 52)

Ainda falando sobre a casa, no romance a mesma é comparada a um país: “[...] Porque seus filhos são meninos de luxo. Não cabem nesta casa que é o país inteiro.” (COUTO, p. 77) A casa que abriga uma família numerosa ou recebe visitas, torna-se um espaço histórico, com marcas deixadas pelo tempo. Assim o autor, ao fazer essa comparação, revela a forma como o colonizador deixou a terra, após tê-la dominado.

Mia Couto nos revela no personagem Fulano Malta a visão do homem comum, e por isso sem importância na política revolucionária, mas que apesar disso acreditou nos ideais revolucionários e na libertação utópica de seu país (FONSECA E CURY, 2008, p. 53). Porém o mesmo estava desiludido com o rumo contrário que a revolução tomou. Através do personagem, o autor faz uma crítica a esses ideais que tornaram-se contraditórios à suas expectativas na luta contra o colonizador.

Meu pai esperava que, voluntário, um pássaro viesse e se alojasse na jaula. A mania, antiga, não passara. A gaiola metaforizava o seu destino, essa clausura onde ave nenhuma partilhara da sua solidão. (COUTO, 2003, p. 62)

No romance de Mia Couto os elementos geradores de conflitos estão sempre ligados à guerra e aos confrontos civis que ocorreram em seu país. Sejam metaforizados nas personagens e em elementos ligados ou não à natureza.

#### **4.2 Luar-do-Chão, um reflexo de Moçambique: a cidade como espaço de construção da identidade**

Os escritos de Mia Couto inserem-se nas Literaturas pós-coloniais, por tratar de temas nacionais que ocorrem após a independência de seu país. Conforme Petrov (2014, p. 71) “o objetivo dos estudos pós-coloniais é investigar os efeitos da colonização em países outrora dominados por impérios coloniais tanto no ponto de vista social como de âmbito cultural”. O termo Pós-colonialismo compreende incluir “todas as

estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas)” que acabam por frustrar a visão dos colonizadores, relacionada ao período colonial. Além dos escritos das ex-colônias, o termo envolve também “o conjunto de práticas discursivas”, na qual é presente a rejeição ou resistência aos ideais colonialistas (LEITE, 2013, p.10). Quando se trata da literatura pós-colonial dos países africanos, uma das questões mais frisadas é a da identidade cultural, tema esse que está sempre presente nos escritos de Mia Couto.

É notável observar que a literatura é uma forma de expressão marcante no que diz respeito à identidade cultural de um povo, já que esta é uma manifestação artística na qual é possível se identificar claramente marcas do processo histórico-social em sua produção. Assim, Cardoso (2008, p. 09) reforça que “[...] em uma obra literária é possível ler, tanto implícita como explicitamente, os mecanismos-base e funcionais que regem uma determinada sociedade em um dado momento.” Isso porque a literatura reflete os acontecimentos de uma determinada época histórica.

A busca por identidade nos países africanos, conforme Tutikian (2006, p. 37)) consiste em recuperar certos valores autóctones perdidos ou esquecidos com a colonização, seja através da tentativa de resgatar a tradição ou construir uma nova, pela derrubada ou resgate de mitos, que fazem relação mais próxima do homem com a nação.

No romance um dos personagens significativos para a noção de identidade nacional é Fulano Malta, que não aceitou de forma alguma o processo de assimilação cultural imposto pelos colonizadores portugueses. O mesmo não hesitou em juntar-se ao um grupo de revolucionários que lutavam contra os ideais portugueses, deixando sua esposa grávida em casa. Com essa atitude, o personagem nos mostra uma característica nacionalista, ao lutar por sua pátria e deixar seus interesses pessoais em segundo plano. Porém, Fulano Malta retorna à sua casa com um sentimento de frustração por ver que os ideais pelos quais tinha lutado acabar em desilusão e uma nova briga havia começado. Dessa vez o conflito era entre irmãos, esses que tanto lutaram pela independência de Luar-do-Chão contra as imposições portuguesa, agora estavam dominados pela ganância do poder.

O grupo que agora dominava a cidade, já não tinha os mesmos ideais de antes, e com isso veio a exclusão dos menos favorecidos, daqueles que não faziam parte daquele pequeno grupo dominante, inclusive do próprio Fulano. Concomitante com o pensamento do personagem, Jane Tutikian (2006, p. 38) afirma que “[...] em um primeiro momento, o nacionalismo fortemente anticolonialista está voltado para a exclusão da elite local do poder [...], o segundo, pós-independência, ganhou outros contornos.” Pelo fato de os ideais anticolonialistas terem mudado após a Independência, Fulano Malta chegou a sentir-se um estrangeiro em seu próprio país, ao ponto de não se identificar com nada mais daquele lugar.

Fulano Malta passara por muito. Em moço se sentira estranho em sua terra. Acreditara que a razão desse sofrimento era uma única na exclusiva: o colonialismo. Mas depois veio a Independência e muito da sua despetença se manteve. E hoje comprovava: não era de um país que ele era excluído. Era estrangeiro não numa nação, mas no mundo. (COUTO, 2003, p. 74)

A partir do pensamento de Fulano Malta, Diniz (2008, p. 28) afirma que “Assim como as identidades nacionais, as identidades individuais também se fragmentam e se desestabilizam.”

Diniz (2008, p. 31) através das palavras de Homi Babha (2007) enfatiza que o processo de identidade não ocorre somente com o reconhecimento das diferenças com o outro. Prova disso é a personagem Mariavilhosa que fora violentada por um estrangeiro. Esse processo de violência pode ser compreendido como a imposição da cultura portuguesa nos países africanos quando colonizados pelos portugueses. É como se a cultura africana tivesse sido violentada pela cultura portuguesa. Já Nyembeti representa a própria Ilha de Luar-do-Chão, sendo esta incapaz de falar, assim como a Ilha, e diferente de todas as outras mulheres, a mesma se dá ao ofício de enterrar gente morta.

Dessa forma pode-se dizer que a questão de identidade nos países africanos passa por um passado colonial e se reflete no presente pós-colonial, mostrada criticamente através da literatura, tendo como prova os escritos de Mia Couto e de outros escritores africanos que apresentam de forma bem clara essa temática.

## 5 CIDADE: o tempo e a memória na narrativa de mia couto

No romance **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, o tempo e a memória são dois elementos essenciais na narrativa analisada e fatores importantes para a compreensão da cultura de Moçambique (retratada de forma metonímica pela Ilha de Luar-do-Chão). Essa cultura sempre será refletida na relação entre os dois elementos: tempo e memória.

Sabe-se que o tempo é um elemento responsável por mudanças significativas na história de um povo. Tudo acontece através do tempo. Conforme Silva (2010, p. 139) na cultura banta o tempo não está ligado ao sistema de horas utilizado pelos ocidentais, mas está sempre associado a algum acontecimento cotidiano como “[...] o pôr do sol, o amanhecer, a hora do sol quente, a hora da ordenha etc.” Assim é o tempo dentro da narrativa de Mia Couto, o mesmo está relacionado ao rio e a outros elementos naturais constitutivos da Ilha.

Já a memória tem como missão fazer uma ligação entre o homem e o tempo, pois é através dela que as histórias podem ser contadas, a cultura e as tradições de um povo são lembradas e com isso resgatadas, fazendo com que essas questões não se percam no tempo. Assim, Frota (2010, p. 31) afirma que “O tempo é agente natural devastador nesse processo que é a vida, e a memória ponte de preservação entre passado e presente, morte e vida.” Partindo dessa relação entre tempo e memória, neste capítulo serão discutidas as funções que ambos desempenham no romance **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**.

Na narrativa analisada o tempo tem o papel de guardar os mistérios do lugar e ao mesmo tempo de revelá-los no momento certo. O rio Madzimi é uma metáfora do tempo, sendo este um tempo mítico, que pode trazer transformações tanto destruidoras, quando se pensa em tempos de guerra, quanto transformações resgatadoras, quando se torna um local de ressurgimento das tradições dos antepassados.

Dessa forma, no romance pode-se compreender a relação feita ao tempo mítico, onde o autor dá ao personagem Marianinho a responsabilidade de recuperar a memória de sua família e de todos os habitantes de Luar-do-Chão perdida com a modernidade, colocando de frente a trajetória entre “presente e passado” e “passado e

futuro”. O retorno de Marianinho à Ilha “[...] representa o reencontro com a cultura ancestral, a descoberta da sua personalidade e a preservação das tradições do seu povo” (FROTA, 2010, p. 32). Além disso, Marianinho tem o dever também de recuperar a Ilha, fazer com que o chão se abra para receber o corpo do avô, e assim brotar uma nova vida. Tudo isso pode ser percebido em umas das cartas escritas por Dito Mariano a seu neto:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver. É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. [...] (COUTO, 2003, p. 64-65)

Em Luar-do-Chão, Marianinho começa a ter noção de quão grande peso terá sua missão na Ilha. A morte no romance se revela como um sub elemento do tempo, sendo a ponte que liga o passado ao presente. Só após a morte foi possível que o neto retornasse às tradições de seus antepassados e compreendesse o seu presente. Desse modo, sendo ele o responsável pelo ritual de passagem da morte do avô, agora será o ente a guardar as memórias da família lhes reveladas durante essa passagem. Para tanto, sendo ele o escolhido, o mesmo deve ter muito cuidado.

[...] Antes de entramos na embarcação Abstinência me faz parar, mão posta sobre meu peito:  
 - Agora que estamos a chegar, você prometa ter cuidado.  
 - Cuidado? Porque Tio?  
 - Não esqueça: você recebeu o nome do velho Mariano. Não esqueça.  
 O Tio se minguou no esclarecimento. Já não era ele que falava. Uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele. (COUTO, 2003, p. 22)

É notório nesse trecho que a morte do Avô Mariano de fato ainda não aconteceu, nesse momento ele apenas renasce em seu neto. Apesar do tempo ter o distanciado de sua terra natal e de sua família, somente ele pode completar “o ciclo que se fecha” e “iniciar um outro ciclo” (FROTA, 2010, p. 32), é à eles que os demais familiares esperam: “ - Porque demoraste tanto? – Não fui eu, Tia. Foi o tempo.” (COUTO, 2003, p. 29). Porém o tempo que lhe afastou de suas tradições é o mesmo que lhe trouxe de volta, que no romance é mostrado no elemento rio. Conforme Moraes (2012, p. 63) o autor faz da memória “[...] as experiências do passado, no intuito de criar

um diálogo que possa ajudar a entender o presente para, quem sabe, construir o futuro”.

Uma das missões do neto é a de “resguardar o tempo” (FROTA, 2010, p. 33), de fazer valer novamente o nome da casa de seus familiares e de proteger a Nyumba-Kaya dos progressos da modernidade e da ambição de seu Tio Último. A casa também traz passagens do tempo dentro da narrativa. É por isso que só a ele a Avó Dulcineusa entrega o molho de chaves da casa. Marianinho passa agora a ser o guardião do tempo, metaforizado pela casa.

- Sabe o que é este saco?
- Não sei Avó.
- É aqui onde escondo as chaves todas da Nyumba-Kaya. Você vai guardar estas chaves, Mariano.  
Faço menção de me desviar do encargo. Como podia aceitar honras que competiam a outros? Mas Dulcineusa não cede nem concede.
- Tome. E guarde bem escondido. Guarde esta casa, meu neto! (COUTO, 2003, p. 33)

Para que a casa passe a ser protegida, cartas serão enviadas ao neto com memórias que revelam segredos sobre a Ilha e sobre sua família. Ao ler a primeira carta, o mesmo descobre que seu retorno à Ilha está ligado ao encontro com sua própria memória, com a primeira casa, aquela dentro de si.

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. A prenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros são não são apenas os vivos. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si. Sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de conta são cartas que nunca antes lhes escrevi. Leia mas não mostre nem conte a ninguém. (COUTO, 2003, p. 56)

O autor enfoca na questão da palavra escrita como uma forma de refúgio para o homem se sentir pertencente a um lugar e abrigo para a memória, um espaço onde as lembranças são conservadas. A escrita na narrativa faz um elo entre o tempo e a memória, já que as memórias de um povo podem ser narradas através da escrita, como bem explicita Fonseca e Cury (2008)

Num mundo que se fragmenta, palco de guerras e deslocamentos, descaracterização, a palavra escrita assume-se como local privilegiado de conservação e reinvenção da memória. Além disso, ela, escrita, se converte em possibilidade de retomada do espaço de pertença, de um espaço em que o homem possa se reconhecer. (p. 25)

Nas comunidades africanas em que a tradição oral ainda permanece, as pessoas mais velhas da família (os anciãos), costumam ser prestigiados na sociedade. Conforme Diniz (2008, p. 44) “O ancião representa a voz que guia, aconselha, repreende, conduz ao sonho, conforta e revive épocas a acontecimentos através da contação de histórias.” Deve-se a isso, a escolha do autor em representar também a memória através da figura do Avô, personagem anciã que com a modernidade vem perdendo espaço na cultura africana.

Após a Independência, Moçambique ficou sob o poder da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que censurou ritos tradicionais e cultos por considerá-los como atos de atraso e ignorância, já que a Modernidade estava batendo de frente ao futuro. Porém Mia Couto repudiou esse ato da organização, pois segundo ele não existe futuro se o passado não é considerado. É preciso que os diferentes tempos estejam ligados para que haja um complemento entre ambos.

Dentre tantas histórias contadas a Marianinho, teve uma que lhe intrigou: a história do burro que morava na igreja. A Avó Dulcineusa é quem lhe conta porque aquele animal vivia na casa de Deus.

- Avó, me explique esse burro, lá na igreja?
- O burro?
- Sim, como é que um burro vive numa igreja? (...)
- (...) – A história desse burro começa no dia do desastre. (COUTO, 2003, p. 96)

O neto descobre que o animal fora o único sobrevivente de um naufrágio. Com isso o padre considera o burro como sagrado e passar a abrigar o animal dentro da igreja, por que segundo ele, o burro seria o protetor da Ilha até que outro protetor mais puro aparecesse. Para a avó, o neto seria esse o protetor que veio libertar Luardo-Chão dos mistérios que a rondavam.

Pode-se dizer então que os elementos tempo (representado pelo rio Madzimi) e memória (representada pela terra nela fixada a Nymba-Kaya) desempenham na narrativa de Mia Couto um apelo ao retorno das tradições e da cultura africana. A imagem de um jovem perdido dentro de sua própria cidade carrega em si traços da cultura sufocada pelas imposições do colonizador, porém revela também que essa cultura jamais será deixada para trás. Dessa forma, o tempo na narrativa de Mia Couto vem como devastador, mas também como conservador, cabe à

memória conservar a cultura, as tradições e a lembrança dos mortos, que vêm metaforizados através de elementos ligados à cidade de Luar-do-Chão.

### **5.1 A travessia do tempo no romance de Mia Couto**

O romance em análise se passa todo na travessia do tempo, desde a chegada de Marianinho à Ilha ao revelar os mistérios que prendiam aquele lugar. No primeiro capítulo deste trabalho, vimos que o rio como elemento mítico traz consigo a imagem do tempo que sempre está em movimento, assim como o fluxo da vida. Neste tópico veremos que o rio também figura o tempo como um lugar de travessia.

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas. (COUTO, 2003, p.18)

Neste fragmento percebe-se que os dois espaços (Ilha e cidade separadas pelo rio) conotam tempos diferentes, sendo o primeiro as tradições, remetendo ao passado e o segundo a modernidade, que vigora no presente. Ao cruzar o rio Madzimi, Marianinho faz uma travessia entre o passado e o presente, e acaba sofrendo uma miscigenação de tempos.

Por sua vez, Fulano Malta atravessa o rio em busca de brilho para sua vida, o qual teria perdido após casar-se com Mariavilhosa. Essa travessia lhe permite recuperar seus ideais de liberdade. Porém, o tempo lhe causara frustração, após perceber que nenhum dos ideais pelos quais lutara estava sendo posto em prática. A figura de Fulano Malta, é como se fosse o próprio autor que viu o tempo levar a concepção de unidade entre os anticolonialistas, enquanto participante da FRELIMO.

A paixão adolescente de Fulano por Mariavilhosa não foi capaz de lhe trazer venturas. Nem o casamento lhe foi suficiente. Pois seu viver se foi amargando e ele, mal escutou que havia guerrilheiros lutando por acabar com o regime colonial, se lançou rio afora para se juntar aos independentistas. A família ficou sem saber dele durante anos. Já derrubado o governo colonial, Fulano Malta regressou. Vinha fardado e todos o olhavam como herói de muitas glórias. Seguiu-se um ano de transição, um longo exercício na entrega dos poderes da administração portuguesa para a nova governação. (COUTO, 2003, p. 72)

Pela tradição a família que reside na cidade tem o dever de atravessar o rio para participar dos rituais do funeral do morto. O tempo aqui acontecido é o tempo de

luto e de preparação do morto para uma próxima vida. É a travessia da vida para a morte: “Não sou apenas eu e o Tio Abstinência que atravessamos o rio para ir a Luar-do-Chão: toda a família se estava dirigindo para os funerais. A Ilha era a nossa origem, o lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes. [...]” (COUTO, 2003, p. 18)

Conforme Silva (2008, p. 162) no romance de Mia Couto Luar-do-Chão é um espaço fluvial fundamental no desenrolar da narrativa. Esse espaço retrata um tempo marcado pelo sonho. “Várias ações da personagem central, Marianinho, decidem-se a partir de sonhos noturnos e visões diurnas, ou seja, o tempo da vida consciente e o tempo da vida onírica”. Neste lugar onde a terra faz fronteira com as águas, é necessário que Marianinho faça a travessia entre o seu passado e o seu presente, para que o mesmo possa completar sua missão futura, que é a de desvendar os mistérios presentes na Ilha.

Dessa forma, observa-se que a travessia do rio dentro da narrativa está além do espaço terrestre para o espaço fluvial, mas simboliza as duas margens da existência humana: a vida e a morte e separa não somente a Ilha da cidade, mas as tradições da modernidade.

## 6 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, que tem como objeto o romance **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, do escritor moçambicano Mia Couto, investigou-se a representação da cidade fictícia de Luar-do-chão enquanto elemento mítico em paralelo às cidades reais, sendo esta a figura de Moçambique, em seus conflitos pós-independência e tradições culturais. Para tanto, partiu-se da observação do projeto literário do autor, que faz sempre um resgate das tradições moçambicanas dentro de seus escritos, do contexto pós-colonial de Moçambique, caracterizado nos conflitos da Ilha de Luar-do-chão que ensejam discutir sobre o tempo e a memória, através de elementos naturais simbólicos (peças-chave dentro do romance), trazendo uma relação entre as tradições e a Modernidade dentro da Ilha.

Em se tratando de uma literatura relativamente recente, que é a dos países africanos de Língua Portuguesa, os escritos de Mia Couto mostram-se inovadores pelo modo como representam a realidade de seu país. A crise identitária, a opressão dos ideais revolucionários, o resgate das tradições africanas são temas constantes e bem representados na literatura do autor, talvez porque o mesmo tenha vivido de perto a situação de seu país após a Independência, enquanto presidente da FRELIMO. No romance analisado, a cidade de Luar-do-Chão, é prova de como Moçambique ficou no contexto pós-colonial.

A cidade dentro da literatura pode ser vista muito além de um espaço habitado por pessoas em busca de melhores condições de vida. Antes de tudo, é o cenário propício para a materialização de histórias sociais e tem o papel de fixar as memórias dos personagens que a habitam, onde tudo pode acontecer. Como o foco principal deste estudo centra-se na representação da cidade dentro do romance analisado pode-se afirmar que o principal interesse do autor em atribuir características à Ilha pertinentes a Moçambique é alertar sobre o desaparecimento das tradições locais e ao mesmo tempo fazer um resgate dessas tradições. Ao longo da pesquisa evidenciou-se que a cidade dentro do romance torna-se palco de experiências místicas que se tornaram enigmas para a libertação do caos que a mesma ora passava, apesar do romance não se passar em tempos de guerra, mas ser o resultado do que estas haviam

deixado. Todos os conflitos na Ilha evidenciam o resultado da chegada da Modernidade cruzada na travessia do tempo, metaforizado pelo elemento rio. Vale ressaltar que os elementos comuns que se encontram na cidade (casa, rio e homem) tornam-se também personagens essenciais na narrativa e metaforizam a vida, a terra, o tempo e a memória.

Cada habitante da Ilha carrega em seu nome um significado revelador de si próprio e dos enigmas que rodeiam a Ilha. O autor também utiliza em sua narrativa recursos como a carta para demonstrar que é possível incorporar a tradição oral com as diversas formas de escrita, como explicita Feitosa (2010)

O que se verifica, portanto, nos romances de escritor moçambicano é o labor da palavra, a começar pela nomeação dos personagens até culminar com o uso de gêneros textuais diversos para compor os romances, a exemplo das cartas, bilhetes, cadernos, relatórios e outros, numa clara demonstração de como é possível integrar a tradição oral a formas distintas de escrita. Enquanto objeto, a escrita suscita a investigação do autor que busca mapear os instáveis limites entre esse universo e a oralidade. (p. 167)

Dessa forma, o estudo aqui apresentado mostra que o autor busca representar Moçambique na Ilha de Luar-do-Chão apresentada nas características atribuídas à Ilha que remetem ao estado como se encontra o país após as guerras civis e com a chegada da Modernidade. E que a cidade por menor que seja guarda sua história, sua cultura, que no romance são fotografadas na fictícia Ilha de Luar-do-Chão, protagonizada pelos elementos místicos no desenrolar da narrativa, base para a redescoberta da memória esquecida pelo devastador poder de imposição dos colonizadores, pela distorção de ideais dos revolucionários e pela invasão da Modernidade. A Modernidade trazida pelos europeus bate à porta da África, sem respeito nenhum, não se dando conta de que para os africanos “quem bate à porta já entrou. E já entrou nesse espaço privado que é o quintal, o recinto mais íntimo de qualquer casa.” (COUTO, 2003, p. 221)

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ilda Ferreira; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.
- BRENER, Fernanda Machado. A representação da cidade nos contos de Rubem Fonseca. In: CELLI – COLÓQUI DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá, **Anais**. Maringá, 2009, p. 364-371.
- BRUGGIONI, Elena. Para mais vozes. Escrita e Oralidade nas literaturas africanas de Língua Portuguesa: pluralidades estéticas, desafios críticos. **Revista Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 14, n. 2. p. 24-34, jul/dez 2016. ISSN: 2176-381X.
- CARDOSO, Jaqueline Teodora Alves. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra: entre as tramas da tradição e a urdidura da modernidade. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 6, agosto, 2009 – ISSN 1983-2354.
- COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DIAS, Ângela Maria. Os signos da cidade. In: SOUZA, Roberto Acízelo de. et al. Cidades, Ficções. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 1 – nº 1 –, ed. Trimestral, Rio de Janeiro, 1962.
- DINIZ, Érika Ribeiro. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto: Identidades em trânsito**. Belo Horizonte: Faculdades de Letras da UFMG, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FROTA, Luciane da Mota. O tempo e a memória em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra de Mia Couto. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte - n. 20 – 201.
- GOMES, Renato cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. **Ipotesi: revista de estudos literários**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2 - p. 19 a 30, s/d.

\_\_\_\_\_. Cartografias urbanas: Representações da cidade na literatura. **Revista Semear 1**. Rio de Janeiro, 1997.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. 2ª ed. Lisboa: Colibri, 2013.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. 2ª ed. Lisboa: Colibri, 2014.

MENEZES, Marcos Antônio de. **Olhares sobre a Cidade**: narrativas poéticas das metrópoles contemporâneas. 1ª ed. São Paulo: Cone Sul, 2000.

MORAES, Claudia Letícia Gonçalves. **O LUGAR DA LITERATURA**: um estudo sobre espaço e ficcionalidade em três romances de Mia Couto. Dissertação de Pós-Graduação. São Luís: UFMA, 2012.

PEREIRA, Claudiany da Costa. Moçambicanidade em processo ou Estar desiludido não é desistir: um estudo sobre a trajetória literária de Mia Couto. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 11-17, out./dez.2008.

PETROV, Petrar. **O projeto literário de Mia Couto**. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Travessias e margens da existência: representações da morte em textos literários de Angola e Moçambique. **Navegações**, v. 5, n. 1, p. 68-72, jan./jun. 2012.

SILVA, Ana Cláudia da. O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 282 p. ISBN 978-85-7983-112-6. **SciELO Books** <<http://books.scielo.org>>.

TUTIKIAN, Jane. Questões de identidade: a África de língua portuguesa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 37-46, setembro, 2006.